

LEVANTAMENTO DA CAPRINICULTURA EM PORTUGAL

A. Duque Fonseca

INTRODUÇÃO

A ESTAÇÃO ZOOTÉCNICA NACIONAL, a ESCOLA SUPERIOR AGRÁRIA DE SANTARÉM e as diferentes DIRECÇÕES REGIONAIS DE AGRICULTURA (ENTRE DOURO E MINHO, TRÁS-OS-MONTES, BEIRA LITORAL, BEIRA INTERIOR, RIBATEJO E OESTE, ALENTEJO e ALGARVE) em colaboração realizaram, entre 1981 e 1987 um inquérito às explorações caprinas em todo o continente português.

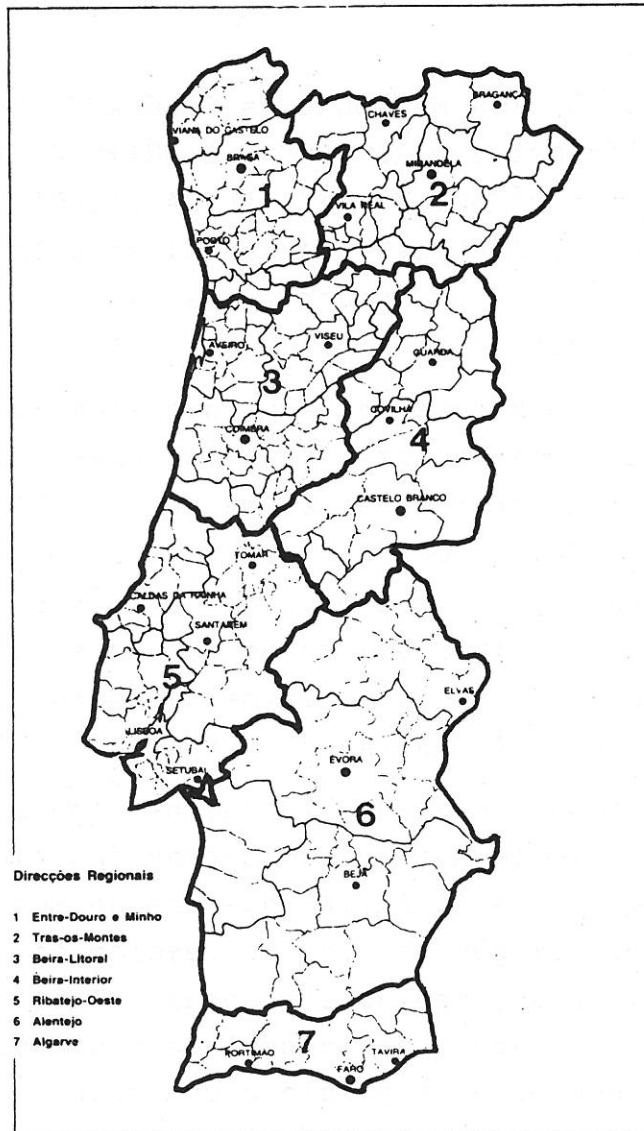
Pretende-se que da interpretação dos elementos de informação assim recolhidos se possam extrair algumas indicações susceptíveis de poderem contribuir para uma futura AVALIAÇÃO DAS RAÇAS CAPRINAS PORTUGUESAS NOS SEUS SISTEMAS DE PRODUÇÃO, que, para tanto, necessariamente terá de poder dispôr de dados ainda por obter, através do acompanhamento de rebanhos comerciais e pela investigação experimental, conforme recomendação da SUB-REDE DE INVESTIGAÇÃO COOPERATIVA DA FAO SOBRE PRODUÇÃO CAPRINA.

As populações caprinas encontradas nas zonas inquiridas, compreendem principalmente núcleos de cabras das raças SERRANA, SERPENTINA, CHARNEQUEIRA e ALGARVIA, que ora se mostram em rebanhos mais ou menos homogêneos, ora se revelam em dispersão, ou existentes em pequenas, médias e grandes bolsas nos muito desiguais rebanhos dos lugares, dos concelhos e das regiões onde predominam os cruzamentos - em paralelo com alguns rebanhos de raças estrangeiras puras ou cruzadas.

Reflectem as raças caprinas portuguesas a influência de origens étnicas que se perdem na memória dos tempos anteriores à fundação da nacionalidade portuguesa; a de um comércio de caprinos exercido principalmente com a Espanha, que teve períodos de grande actividade como por exemplo no século passado; a de sucessivos cruzamentos com raças diferentes; os condicionalismos derivados do relevo e dos alimentos disponíveis nas diversas épocas, a evolução dos sistemas de produção, etc., etc.

Segundo o último arrolamento feito em Portugal em 1979, o efectivo caprino das zonas abrangidas pelos inquéritos efectuados era de 732 069 animais.

Os inquéritos regionais a que aqui nos reportamos, abrangeram 854 rebanhos com 93 069 animais e para os realizar percorremos 70 198 quilómetros.

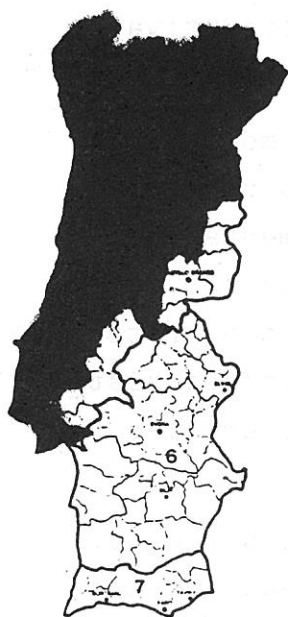


RAÇAS OU GRUPOS ÉTNICOS

Nas regiões constantes do mapa nº 1 a composição da maior parte dos rebanhos inquiridos é bastante heterogénea no que respeita à padronização das raças

- por efeito da interpenetração das características genéticas das raças com que ao longo dos tempos têm sido feitos cruzamentos a respeito dos quais não há informação.

Todavia, entre os efectivos das áreas inquiridas predominam as raças SERRANA, SERPENTINA, CHARNEQUEIRA e ALGARVIA cujas áreas de concentração estão assinaladas nos mapas seguintes:



SERRANA



SERPENTINA



CHARNEQUEIRA



ALGARVIA

As zonas onde se verifica haver maior homogeneidade das raças, são aquelas que o mapa seguinte evidênciam:



As características morfológicas e funcionais das cabras das raças SERRANA, SERPENTINA, CHARNEQUEIRA e ALGARVIA apontam-nas com as seguintes vocações:

SERRANA	Leite-Carne
SERPENTINA	Carne-Leite
CHARNEQUEIRA	Carne-Leite
ALGARVIA	Leite-Carne

Não obstante, verifica-se que nalgumas das áreas inquiridas muitos caprincultores não fazem o aproveitamento das raças que possuem em conformidade com a principal vocação produtiva de cada uma destas.

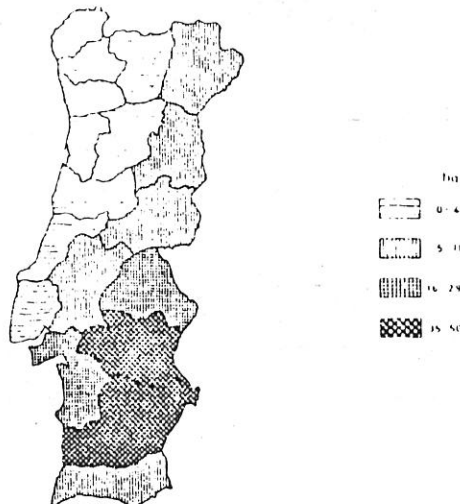
- O que acontece com fundamento em motivos de tradição, por razões de ordem conjuntural ou relacionados com os recursos alimentares, por preferência na produção de queijo, ou até por simples motivações humanas e critérios que subestimam as principais características funcionais dos animais das diferentes raças componentes dos rebanhos.

Incentivado por acentuados aumentos dos preços do leite, do queijo e da carne, que ultimamente se têm verificado, há nestas mesmas zonas um certo entusiasmo pela exploração de caprinos de raças exóticas, nomeadamente a SAANEN, igualmente disputada para cruzamentos "ad hoc".

Igualmente se encontram nos rebanhos de algumas zonas em referência, animais puros em conjunto com outros mais ou menos absorvidos por sucessivos cruzamentos com raças espanholas MURCIANA-GRANADINA, RETINTA ESTREMEÑA, MALAGUEÑA, GUADARRANA e VERATA com frequência introduzidas em Portugal clandestinamente pela fronteira com a Espanha.

ESTRUTURA FUNDIÁRIA E SOCIAL

A estrutura da propriedade rural nas zonas caprinas que já inquirimos por amostragem, é a que está evidenciada no mapa abaixo.



Por aqui se verifica a coincidência de que os rebanhos mais numerosos estão localizados nas zonas onde a propriedade tem maior dimensão e que as mais pequenas explorações se situam nas zonas onde a propriedade está mais dividida.

Relativamente à estrutura fundiária e social verifica-se haver na prática uma certa correlação entre a natureza e relevo dos terrenos, as raças, a dimensão da propriedade, as dimensões dos rebanhos, o poder económico e "modus vivendi" das pessoas, a tecnologia da exploração dos animais e os resultados deles obtidos.

Sendo a cabra SERRANA e a ALGARVIA animais que encontram o seu habitat preferido nas terras altas de montanha e a estas adjacentes, isso equivale a dizer-se que elas vivem principalmente em zonas de propriedade mais dividida, onde os recursos de cada caprinicultor são em regra relativamente modestos e, portanto pouco receptivos a tecnologias grandemente evoluidas.

Já relativamente à CHARNEQUEIRA e à SERPENTINA, de que se encontram rebanhos maiores nas terras de baixo relevo da Beira Baixa, zona interior do Ribatejo e Alentejo, em propriedades de maior dimensão, a estrutura fundiária e social do seu principal habitat, corresponde a áreas talvez mais receptivas a algumas das maiores inovações tecnológicas.

Outros elementos de apreciação:

O caprino é, no que respeita ao seu valor, uma espécie de aquisição acessível, principalmente para quem, não possuindo terra própria, pode recorrer aos baldios e a outros pastos comuns.

Efectivamente, "como o que é propriedade comum não é de nenhum", muita gente sem terra própria para manter gado faz a exploração dos caprinos nestes "pastos baldios", com eventual arrendamento de terras de pastagem ou utilização de pastagens de vizinhos (por contrato de compensação, dando cabritos ou queijos em troca) ou por simples prevaricação a qualquer hora do dia.

Outros há, que, possuindo terra própria, mantem um número de animais superior à capacidade forrageira das suas terras, por contarem para a alimentação do número de cabeças a mais que possuem, com o direito que também lhes assiste de disfrutar pastagens colectivas.

O exemplo mais característico desta situação é o Ribatejo e Oeste onde se verificou a seguinte situação:

TIPOS DE ESTRUTURA FUNDIÁRIA UTILIZADA NA
PRODUÇÃO CAPRINA
NA ÁREA DA D.R.A.R.O. (1982)

	EXPLORAÇÕES INQUIRIDAS %
TERRA PRÓPRIA	34.4
TERRA PRÓPRIA E ARRENDADA	3.2
TERRA PRÓPRIA E BALDIOS	8.0
TERRA PRÓPRIA, ARRENDADA E BALDIOS	7.2
TERRA ARRENDADA	0.8
TERRA ARRENDADA E BALDIOS	23.2
BALDIOS	23.2

A carne, o leite, o queijo, as peles e as crias fornecidas pela cabra, podendo responder a necessidades de abastecimento familiar, fornecem-lhe ainda meios para realizar dinheiro.

As motivações que conduziram à caprinicultura na área da D.R.A.R.O. segundo o inquérito ali efectuado em 1982, apresentam-se como o quadro abaixo mostra.

MOTIVOS QUE CONDUZIRAM À CAPRINICULTURA
NA ÁREA DA D.R.A.R.O. (1982)

TRADIÇÃO	39%
NECESSIDADE	33%
GOSTO PELA ESPÉCIE	10%
REFORMA POR INVALIDEZ	14%
REFORMA POR IDADE	4%

A antiguidade das explorações caprinas revelou-se-nos na seguinte escala etária:

ANTIGUIDADE DAS EXPLORAÇÕES INQUIRIDAS (%)

	ENTRE DOURO E MINHO	TRÁS OS MONTES	BEIRA LITORAL	BEIRA INTERIOR	RIBATEJO E OESTE	ALENTEJO	ALGARVE
1-5 ANOS	18	32	13	12	19	16	16
5-10 ANOS	27	22	6	15	10	18	25
10-15 ANOS	12	14	6	7	17	15	23
15-20 ANOS	5	7	2	13	8	10	8
+ 20 ANOS	38	25	73	53	46	41	28

Quanto à idade dos cabreiros, agentes (muitas vezes em conjunto com outros familiares) de grande importância em todo o processo produtivo da caprinicultura portuguesa, ao seu estado civil e dimensão do respectivo agregado familiar, os nossos elementos estatísticos relativos ao conjunto de áreas em análise, dão o seguinte panorama:

IDADE DOS CABREIROS INQUIRIDOS (%)

Anos						
	< 20	20-25	25-35	35-50	50-65	+ 65
ENTRE DOURO E MINHO	2	4	9	41	30	14
TRÁS OS MONTES	1	7	12	25	43	12
BEIRA LITORAL	-	1	-	15	61	23
BEIRA INTERIOR	3	4	5	23	50	15
RIBATEJO E OESTE	-	1	2	22	55	20
ALENTEJO	-	3	4	27	53	13
ALGARVE	-	1	3	28	59	9

ESTADO CIVIL DOS CABREIROS INQUIRIDOS (%)

%			
	CASADOS	VIÚVOS	SOLTEIROS
ENTRE DOURO E MINHO	80	-	20
TRÁS OS MONTES	83	2	15
BEIRA LITORAL	90	4	6
BEIRA INTERIOR	83	3	14
RIBATEJO E OESTE	89	1	10
ALENTEJO	86	2	12
ALGARVE	65	4	31

DIMENSÃO DO AGREGADO FAMILIAR (%)

Nº FILHOS				
	0	1-5	5-10	+ 10
ENTRE DOURO E MINHO	2	61	37	-
TRÁS OS MONTES	8	50	41	1
BEIRA LITORAL	4	72	20	4
BEIRA INTERIOR	1	65	31	3
RIBATEJO E OESTE	-	65	35	-
ALENTEJO	-	72	38	-
ALGARVE	5	82	13	-

Em zonas de emigração tradicional (principalmente nas províncias acima do Tejo), verifica-se que o regresso de emigrantes ao País tem, pelo menos na fase inicial da sua reintegração na vida portuguesa, vindo a atrair camadas jovens à exploração caprina.

Verifica-se ainda que só nas zonas onde existem grandes efectivos de CHARNEQUEIRA e SERPENTINA é que os proprietários dos rebanhos recorrem a trabalhadores, - os "CABREIROS" - de características técnico-profissionais nem sempre as mais adequadas os quais têm níveis salariais superiores a 30 000\$00, aos quais poderá corresponder ainda, ou não, direito a "pegulhal" (cabras próprias) e/ou horta, carne e casa.

Casos há também, em que o cabreiro tem adicionalmente direito a receber 1\$00-2\$50 por litro de leite que for produzido pelo rebanho ou então esse direito é representado por uma percentagem sobre o valor de venda deste.

Isto quer dizer que em certas condições os "cabreiros" podem chegar a realizar mais de 80 000\$00 mensalmente.

DIMENSÃO MÉDIA DOS EFECTIVOS

Aspecto a considerar neste contexto, é também o da dimensão média dos efectivos existentes. Reportando-nos aos inquéritos feitos, os mapas seguintes revelam a distribuição nas áreas em análise, sem que se torne necessária mais qualquer explicação para a sua boa compreensão.



1-4



20-70



100-200



+ 200

INSTALAÇÕES

De todas as regiões inquiridas, é a do Ribatejo e Oeste aquela que julgamos estar equipada com maior número de salas de ordenha mecânica.

Se bem que as salas de ordenha mecânica desta região, tal como as das outras regiões, não sejam modelares, elas encontram-se mais ou menos dentro das regras da funcionalidade e da higienidade minimamente exigíveis.

Nota-se, porém, que mesmo nas zonas de grandes rebanhos é ainda bastante reduzida a existência de salas de ordenha mecânica.

Geralmente, a ordenha manual é feita ao ar livre quando o tempo o permite, ou dentro do capril ou da cabana nos dias agrestes.

Constituem caso particular as instalações especificamente projectadas e construídas para o fim a que as destinam, com respeito das normas técnicas conhecidas e necessariamente associadas à exploração das cabras de raças exóticas.

Nalguns casos, as condições também não são demasiadamente más, sendo suficiente a área por animal e as camas constituídas

por mato ou estrados de ripas de madeira. Todavia, é frequente verificarem-se problemas de falta de ventilação.

No que se refere às instalações, o principal problema está, segundo nos parece, naquelas que são utilizadas para o fabrico de queijo dos tipos tradicionais.

Se, por vezes, os locais onde é preparada a coalhada e onde se faz o encinchamento não oferecem motivo para alarmantes preocupações de ordem higiénica ou sanitária, já o mesmo se não poderá dizer dos locais onde muitas vezes os queijos são curados ou armazenados - o que merece que se preste a este problema a atenção que lhe é devida.

Nalgumas zonas, até o próprio curral das cabras com os "gamelões" voltados para baixo e suspensos do tecto por cordas ou arames, servem para estes efeitos... com a subsequente adesão ao queijo, de todos os tipos de poeiras e várias outras sujidades que degradam a qualidade do queijo.

Quanto às instalações de abrigo reservadas aos caprinos em Trás-os-Montes, Alentejo e Algarve as "malhadas" são construídas geralmente em materiais rústicos ou alvenaria; no Ribatejo e Oeste, o tipo de instalação predominante é constituído por um capril derivado do aproveitamento de construções pré-existentes, de pedra tosca, madeira ou mato, também sendo usual que o capril seja uma dependência mais ou menos contígua à casa de habitação na aldeia ou na vila. A sua utilização é feita apenas para a "pernoita", excepto no caso de quem tem poucas cabras e as alimenta "à mão" no próprio curral.

No Entre Douro e Minho e na Beira Litoral, os abrigos das cabras ficam juntos ou ao lado das casas de habitação, o mesmo se verificando nalguns concelhos da Beira Interior.

Na zona dos maiores rebanhos da Beira Interior, as "malhadas" são de alvenaria, de granito ou de mato e na área da Serra da Estrela, as "malhadas" e "cortes" que se espalham pelas encostas são construídas de pedras da Serra e cobertas de colmo.

SISTEMAS DE PRODUÇÃO

Encontramos em Portugal, de forma dispersa ou contígua, numerosas micro-regiões que se inserem em pequenas zonas e sub-

-regiões agrárias, onde são evidentes grandes diferenças nas condições do meio-ambiente, nas situações econômicas e sociais dos proprietários dos rebanhos, no dimensionamento e tipos das explorações, nos sistemas de manejo e de produção, etc.

A heterogeneidade dos sistemas de produção caprina nas áreas em referência vai desde algumas explorações intensivas (pouco numerosas) que utilizam essencialmente animais de aptidão leiteira (SAANEN) para a produção de queijo, até à exploração extensiva em condições de baixa produtividade e ao pastoreio de animais isolados ou simplesmente presos em pequenos minifúndios e currais ou às portas das habitações.

Procurando distinguir os diversos sistemas de produção, com base na origem dos recursos alimentares (MORAND-FEHR, 1981) vê-se nos mapas seguintes, que na faixa central do País assinala-se e enquadram duas grandes tipificações dos sistemas de produção; que, para melhor avaliação dos pormenores se desdobram segundo os critérios de classificação referidos, em Tipo IA, Tipo IB, Tipo IIA e Tipo IIB.

Assim:

Tipo IA - constituído pelo sistema de produção pastoril que utiliza a vegetação espontânea sem aplicação de qualquer técnica de cultivo.

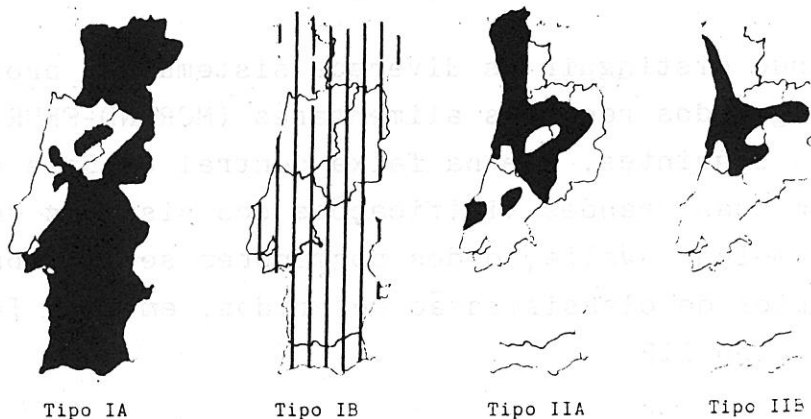
Tipo IB - em que é dominante o sistema pastoril que utiliza forragens cultivadas durante períodos limitados.

Os sistemas de produção dos tipos IA e IB interpenetram-se nas zonas e regiões em análise, onde em muitas delas parece começar a haver uma certa tendência para a utilização de culturas forrageiras, de cereais e sub-produtos excedentes das explorações agrícolas.

Em regiões como a de Castelo Branco e naquelas que lhe são confinantes, onde grande parte da produção caprina é orientada para a produção de leite destinado ao fabrico de diversos tipos de queijo, tem estado a vulgarizar-se desde há alguns anos, o cruzamento da CHARNEQUEIRA com cabras especializadas na produção de leite - principalmente SAANEN.

E, nalguns casos, a evoluir simultâneamente o melhoramento do manejo alimentar, como forma de corresponder à capacidade produtiva dos mestiços assim obtidos e de suprir insuficiências ocasionais que nalgumas destas áreas se prolongam por vários meses em certos anos.

Nestes sistemas de produção, além da vegetação espontânea faz-se o aproveitamento de restolhos, ramas e folhas de árvores e plantas diversas, etc., conforme descrição que mais em pormenor se faz no quadro que trata dos "Principais recursos em que se baseia a alimentação da cabra".



Tipo IIA - em que o pastoreio ocupa o seu lugar, embora este não cubra mais que uma reduzida parte das necessidades dos animais. A alimentação é essencialmente composta por produtos cultivados ou procedentes de cultivos: forragem, cereais e sub-produtos, etc.

Tipo IIB - em que a alimentação é unicamente composta por produtos cultivados ou procedentes de cultivos.

No Entre Douro e Minho e na Beira Litoral predominam efectivos de pequenas dimensões por exploração. O mais frequente, é a exploração da cabra à mão, à corda, ou no curral.

Além de um eventual e reduzido pastoreio, a cabra aproveitada, nas regiões onde se praticam os sistemas de produção dos tipos IIA e IIB, quase todos os produtos vegetais produzidos nas diminutas parcelas de terreno que caracterizam a estrutura fundiária de uma região onde predomina a cultura do milho, vinha, batata e centeio, sem que, por vezes e para esse fim, o animal tenha de sair do próprio curral onde se encontra estabelecido.

É mais frequente na SERRANA que os cabritos só tenham uma refeição diária, passando a noite com as mães, após elas terem sido ordenhadas no fim da tarde quando voltaram do campo.

Este sistema visa o máximo aproveitamento de leite possível, para venda ou transformação em queijo.

Nos sistemas onde predominam as cabras de vocação cárnica CHARNEQUEIRA e SERPENTINA e também a ALGARVIA é normal controlar-se a alimentação dos cabritos através de duas refeições: uma de manhã, antes das cabras saírem para a pastagem; e outra à noite quando regressam. Os cabritos ficam com a mãe apenas o tempo necessário para se alimentarem, sendo depois separados, inclusive à noite, até ao desmame.

FREQUÊNCIA DAS REFEIÇÕES DIÁRIAS DOS CABRITOS NAS EXPLORAÇÕES INQUIRIDAS (%)

	1x/dia	2x/dia	SEMPRE COM AS MÃES
ENTRE DOURO E MINHO	96	4	-
TRÁS OS MONTES	98	2	-
BEIRA LITORAL	86	14	-
BEIRA INTERIOR	51	49	-
RIBATEJO E OESTE	75	20	5
ALENTEJO	6	94	-
ALGARVE	-	100	-

IDADE DE INÍCIO DA SUPLEMENTAÇÃO AOS CABRITOS NAS EXPLORAÇÕES INQUIRIDAS (%)

	NÃO SUPLEMENTAM	10-15	20-25	30-45	+60
ENTRE DOURO E MINHO	24	4	19	42	11
TRÁS OS MONTES	39	1	7	39	14
BEIRA LITORAL	74	-	2	11	13
BEIRA INTERIOR	59	2	11	23	5
RIBATEJO E OESTE	50	2	6	25	17
ALENTEJO	26	7	30	30	7
ALGARVE	9 ^a	1	13	64	13

PRODUTOS UTILIZADOS NA SUPLEMENTAÇÃO DOS CABRITOS NAS EXPLORAÇÕES INQUIRIDAS (%)

	DIAS	RAMAGEN	FENO	AVEIA	SUB-PRODUTOS	CONCENTRADO
ENTRE DOURO E MINHO	10-15	3	-	-	-	-
	20-25	15	2	1	1	2
	30-45	32	5	5	3	3
	+ 60	8	1	1	1	-
TRÁS OS MONTES	10-15	-	-	-	-	-
	20-25	7	-	-	1	2
	30-45	38	4	5	7	11
	+ 60	14	2	2	3	4
BEIRA LITORAL	10-15	-	-	-	-	-
	20-25	-	-	-	-	5
	30-45	39	6	-	-	-
	+ 60	33	17	-	-	-
BEIRA INTERIOR	10-15	3	-	-	-	2
	20-25	16	5	-	-	8
	30-45	41	5	-	3	6
	+ 60	8	-	-	3	-
RIBATEJO E OESTE	10-15	-	6	2	-	-
	20-25	12	-	-	-	2
	30-45	22	4	3	2	10
	+ 60	20	3	7	-	7
ALLENTEJO	10-15	-	-	-	-	7
	20-25	40	-	-	-	13
	30-45	23	-	-	-	17
	+ 60	-	-	-	-	-
ALGARVE	10-15	-	-	-	-	-
	20-25	9	-	3	-	4
	30-45	35	1	14	-	16
	+ 60	10	-	4	-	4

Verifica-se assim a importância de produtos naturais (ração) na iniciação da alimentação sólida dos jovens animais.

Os poucos que utilizam concentrado comercial, e em face da inexistência no mercado de concentrados de fabrico específico para os caprinos que atendam às necessidades produtivas da espécie, bem como no que respeita à paleatibilidade do próprio alimento, fazem-no utilizando rações de ovinos e, inclusivamente, de bovinos de leite...

IDADE DE DESMAME DOS CABRITOS
NAS EXPLORAÇÕES INQUIRIDAS (%)

DIAS	IDADE DE DESMAME DOS CABRITOS NAS EXPLORAÇÕES INQUIRIDAS (%)					
	PRECOCE	60-75	90-105	120-135	150-180	NÃO DESMAMAM
ENTRE DOURO E MINHO	-	-	-	-	2	98
TRÁS OS MONTES	1	3	22	6	45	23
BEIRA LITORAL	1	11	23	21	7	37
BEIRA INTERIOR	1	6	24	35	21	13
RIBATEJO E OESTE	2	11	29	36	19	3
ALENTEJO	2	3	15	45	35	-
ALGARVE	4	-	5	19	33	39

IDADE DE PERMANÊNCIA DOS CABRITOS NO CAPRIL
NAS EXPLORAÇÕES INQUIRIDAS (%)

DIAS	IDADE DE PERMANÊNCIA DOS CABRITOS NO CAPRIL NAS EXPLORAÇÕES INQUIRIDAS (%)					
	35	45	60	75	90	120-150
ENTRE DOURO E MINHO	7	4	12	8	37	32
TRÁS OS MONTES	1	1	5	15	20	58
BEIRA LITORAL	17	6	37	11	21	8
BEIRA INTERIOR	10	25	33	12	18	2
RIBATEJO E OESTE	9	12	36	17	19	7
ALENTEJO	50	43	-	-	-	7
ALGARVE	11	13	40	11	19	6

É portanto a estas idades que os cabritos começam a sair para o campo acompanhando as mães nas "voltas" e a iniciar-se na alimentação com o que lhes apetece.

O desmame precoce e aleitamento artificial está associado apenas a algumas explorações que utilizam a SAANEN para produção intensiva de leite.

Até ao desmame a mortalidade verificada nos rebanhos inquiridos foi em média de 7%, variando entre 2-11%. Os valores mais elevados são referentes a rebanhos de elevado efectivo, salvo casos patológicos localizados.

REPRODUÇÃO

IDADE DE INÍCIO DA ACTIVIDADE REPRODUTIVA DOS CAPRINOS
NAS EXPLORAÇÕES INQUIRIDAS (%)

♀

MESES								
	4-5	5-6	6-7	7-8	8-9	9-10	10-12	+12
ENTRE DOURO E MINHO	-	3	15	27	14	-	8	33
TRÁS OS MONTES	-	2	33	56	5	1	1	2
BEIRA LITORAL	-	3	16	41	3	12	8	17
BEIRA INTERIOR	1	1	18	53	8	5	2	12
RIBATEJO E OESTE	-	-	22	43	17	3	6	9
ALENTEJO	-	-	-	-	3	45	26	26
ALGARVE	1	7	25	43	11	3	9	1

♂

ENTRE DOURO E MINHO	-	7	36	33	4	2	18	-
TRÁS OS MONTES	4	20	58	14	1	1	1	1
BEIRA LITORAL	5	29	37	6	-	-	23	-
BEIRA INTERIOR	2	16	26	44	4	3	1	4
RIBATEJO E OESTE	-	12	20	35	12	4	3	14
ALENTEJO	-	-	-	63	7	7	23	-
ALGARVE	7	11	33	29	10	6	3	1

Deste quadro se depreende que a SERRANA inicia a actividade reprodutiva mais precocemente. Geralmente aos 6-8 meses para a fêmea e aos 5-8 meses para o macho.

A ALGARVIA e a CHARNEQUEIRA são igualmente bastante precoces. Mas quando o sistema produtivo se torna mais agressivo (Tipo IA), ficam em igualdade de circunstâncias com a SERPENTINA sendo as fêmeas cobertas aos 8-12 meses. Os machos iniciam a actividade reprodutiva aos 7-12 meses.

EPOCAS DE COBRIÇÃO NAS EXPLORAÇÕES INQUIRIDAS (%)

INÍCIO

	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D
ENTRE DOURO E MINHO	96	-	-	-	-	2	-	-	-	2	-	-
TRÁS OS MONTES	93	1	1	1	2	1	1	1	2	1	-	-
BEIRA LITORAL	35	-	-	3	3	7	39	10	3	-	-	-
BEIRA INTERIOR	23	3	14	26	23	1	1	2	1	6	-	-
RIBATEJO E OESTE	-	-	-	-	46	43	8	3	-	-	-	-
ALENTEJO	11	-	-	21	64	4	-	-	-	-	-	-
ALGARVE	51	2	2	3	20	5	2	1	-	9	4	1

TERMO

ENTRE DOURO E MINHO	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	2	96
TRÁS OS MONTES	-	1	1	-	1	1	-	-	-	1	2	94
BEIRA LITORAL	-	-	-	-	-	-	-	24	13	17	4	42
BEIRA INTERIOR	1	2	5	-	-	2	2	6	8	29	18	27
RIBATEJO E OESTE	-	-	-	-	-	-	-	-	17	50	27	6
ALENTEJO	4	4	-	-	-	-	-	4	39	35	7	7
ALGARVE	2	5	3	6	7	-	1	3	3	8	11	51

EPOCAS DE PARICÃO NAS EXPLORAÇÕES INQUIRIDAS (%)

INÍCIO

	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D
ENTRE DOURO E MINHO	17	5	18	5	8	4	-	2	1	5	21	14
TRÁS OS MONTES	9	5	17	14	6	1	-	2	9	26	6	5
BEIRA LITORAL	18	2	2	-	-	-	-	-	7	8	35	28
BEIRA INTERIOR	2	2	6	-	-	-	-	11	39	29	9	2
RIBATEJO E OESTE	2	1	-	-	-	-	-	-	2	25	60	10
ALENTEJO	-	-	-	-	-	-	-	-	11	68	18	3
ALGARVE	10	6	-	-	-	-	-	-	3	45	19	17

TERMO

ENTRE DOURO E MINHO	15	4	18	5	11	4	-	1	2	4	12	24
TRÁS OS MONTES	8	5	10	14	16	2	-	1	5	20	13	6
BEIRA LITORAL	12	24	20	20	11	-	-	-	-	-	-	13
BEIRA INTERIOR	5	9	28	38	7	3	-	6	1	1	2	-
RIBATEJO E OESTE	5	18	47	21	8	-	-	-	-	-	-	1
ALENTEJO	46	7	4	-	-	-	-	-	-	-	4	39
ALGARVE	19	29	22	5	5	-	-	-	-	9	5	6

No Entre Douro e Minho, Trás-os-Montes e Beira Litoral predomina uma população SERRANA onde, uma parte significativa dos produtores que possuem bode mantêm-no junto com as cabras durante todo o ano, o que nalguns casos conduz a duas cobrições por ano.

No caso dos produtores que têm poucas cabras, não se justificando que tenham bode, é costume recorrer-se ao vizinho que o tenha podendo ou não a cabra lá ficar alguns dias, assistindo o direito a este de a ordenhar, para além de poder cobrar entre 50\$00 a 250\$00 por cabra.

Outras vezes é o próprio negociante que fornece o bode com a aceitação do compromisso do produtor lhe vender os cabritos.

Os meses de Julho, Agosto e Setembro são aqueles em que geralmente as cabras são cobertas.

Entre as populações SERRANA e CHARNEQUEIRA da região da Beira Interior, a época de cobrição inicia-se, segundo as circunstâncias, nos meses de Março, Abril ou Maio, terminando então em Outubro, Novembro ou Dezembro.

Não obstante, cerca de 23% dos produtores inquiridos mantem os bodes juntos com as cabras durante todo o ano, ao contrário de outros que, na impossibilidade de separar os animais por questões de manejo, recorrem à aplicação de "aventais" que resguardam a zona genital do macho, de forma a impossibilitar a cobrição, sem impedir o encabritamento.

Outros há, ainda, que optam pela utilização de chibos que criam como reprodutores e que no final das cobrições são capados e vendidos para os talhos.

Destes factos, e em face de a grande maioria das cabras parir em Agosto, Setembro e Outubro, verifica-se que 10%-70% das cabras voltam a ser cobertas novamente no mesmo ano.

É para aumentar o seu rendimento que muitos produtores desta zona permitem o maior número possível de parições por animal durante todo o ano, o que tem o fim de poderem vender os cabritos obtidos imediatamente e o de ao mesmo tempo poderem obter

leite que lhes permita fabricar queijo quase continuamente.

Com esta prática, foram detectados casos de cabras que em 18 meses tiveram em três partos 8 cabritos com evidente sacrifício da integridade física e produtiva das reprodutoras, por lhes não ter sido dada entretanto qualquer compensação alimentar ou outra, para esse esforço.

Tanto na SERRANA como na SERPENTINA da região Ribatejo e Oeste e ainda na Algarvia o início das cobrições coincide com Maio-Junho e o termo, com Outubro-Novembro, épocas em que a actividade sexual é mais exuberante.

Verifica-se, regra geral, uma só parição por cabra/ano.

Utilizam-se igualmente "aventais" para os bodes, no caso dos rebanhos de pequena e média dimensão.

Nos rebanhos grandes, associados normalmente à cabra SERPENTINA, é costume no termo da época de cobrição, os bodes passam a andar com as ovelhas ou vacas do mesmo proprietário.

Facto idêntico se verifica na região do Alentejo em que os bodes são retirados normalmente em Setembro, após as cobrições que se vinham a realizar desde Maio.

Em qualquer destas zonas é evidente a preocupação dos caprincultores de que os nascimentos se dêem alguns meses antes do Natal e da Páscoa, em virtude da carne de cabrito ter maior procura e atingir, portanto, mais altos preços nessas quadras festivas.

FERTILIDADE E PROLIFICIDADE DAS CABRAS NAS EXPLORAÇÕES INQUIRIDAS (*)

	FERTILIDADE						
	ENTRE DOURO E MINHO	TRÁS OS MONTES	BEIRA LITORAL	BEIRA INTERIOR	RIBATEJO E OESTE	ALENTEJO	ALGARVE
SERRANA	96	93	96	96	96	-	-
SERPENTINA	-	-	-	-	72	88	-
CHARNEQUEIRA	-	-	81	93	-	-	-
ALGARVIA	-	-	-	-	-	-	86

	PROLIFICIDADE						
	ENTRE DOURO E MINHO	TRÁS OS MONTES	BEIRA LITORAL	BEIRA INTERIOR	RIBATEJO E OESTE	ALENTEJO	ALGARVE
SERRANA	119	145	158	171	163	-	-
SERPENTINA	-	-	-	-	101	110	-
CHARNEQUEIRA	-	-	122	138	-	-	-
ALGARVIA	-	-	-	-	-	-	147

Estes resultados, eventualmente discutíveis por não se basearem em registos exactos e precisos, servem no entanto para dar uma panorâmica aproximada da situação, em face da amostragem que nos foi apresentada.

Para a fertilidade e prolificidade da SERRANA neste meio, talvez possa contribuir o facto de ela ser explorada principalmente em efectivos de pequena e média dimensão, em que o pastor, sendo em regra o proprietário dos animais, lhes proporciona as melhores condições de manejo que pode e sabe.

De facto, aquela parte da população SERRANA que sofreu ou sofre a influência da CHARNEQUEIRA e/ou SAANEN, ou de outras raças, vê-se inferiorizada nos valores referidos à fertilidade e à prolificidade, quer por se tratar de animais de potencial genético inferior, quer por as condições de criação não terem evoluído

Apesar das condições em que é explorada, a CHARNEQUEIRA e a ALGARVIA apresentam resultados atractivos.

Depois de ter sofrido tantas infiltrações, a população CHARNEQUEIRA é uma verdadeira sobrevivente da chamada "moda das raças" que procurava no tipo étnico, solução para problemas que só em parte dele dependiam.

Por sua vez, a população SERPENTINA é, no que respeita aos índices de fertilidade e prolificidade, a que mais reflecte a agressividade do sistema produtivo em que é utilizada, e em relação ao qual constituirá muitas vezes única alternativa.

A relação macho/fêmea existente nas explorações inquiridas nestas zonas é em média de um macho para 22 fêmeas, variando entre 1/10 e 1/50.

O tempo de vida útil dos reprodutores é em média de 6 a 9 anos para as fêmeas com variação entre 5 e 11 anos; sendo para os machos a média de 3 a 5 anos com variações de 1 a 7.

Verificou-se através dos inquéritos efectuados, que o gene determinante do character "mocho" está ligado ao gene que determina a intersexualidade. A taxa de intersexuais encontrada pela utilização de reprodutores "mochos" é de 2-12%.

HIGIENE E SANIDADE

A maior parte dos produtores contactados no decorrer destes inquéritos, deram-nos a impressão de ainda não terem perfeita consciência da relação que existe entre a produtividade e o estado higiénico e sanitário dos animais.

- Com excepção, evidentemente, daqueles caprinicultores que neste sentido promovem alguma assistência profiláctica e terapêutica aos seus rebanhos.

Os quadros que se seguem demonstram o que acima se diz:

VACINAÇÕES EFECTUADAS NAS EXPLORAÇÕES INQUIRIDAS (%)

	ENTRE DOURO E MINHO	TRÁS OS MONTES	BEIRA LITORAL	BEIRA INTERIOR	RIBATEJO E OESTE	ALENTEJO	ALGARVE
NENHUMA VACINAÇÃO	78	58	80	23	4	3	2
BRUCELOSE	22	42	20	77	96	97	98
ENTEROTOXEMIAS E PASTEUROSES	18	26	6	34	10	76	10
FEBRE AFTOSA	13	4	3	11	37	83	-
MICOPLASMOSE	13	2	6	6	12	7	4
ECTIMA	13	-	-	-	3	-	3
CARBUNCULO	-	-	-	1	3	3	-

DESPARASITAÇÕES EFECTUADAS NAS EXPLORAÇÕES INQUIRIDAS (%)

	ENTRE DOURO E MINHO	TRÁS OS MONTES	BEIRA LITORAL	BEIRA INTERIOR	RIBATEJO E OESTE	ALENTEJO	ALGARVE
NÃO SABEM O QUE É	95	88	83	67	52	3	64
FAZEM DESPARASITAÇÃO	5	7	14	26	35	64	36
SABEM O QUE É MAS NÃO FAZEM	-	5	3	7	13	33	-

Torna-se deste modo evidente, que onde predomina a exploração de reduzida dimensão, o apoio técnico é extremamente necessário.

Tem interesse notar que entre os produtores que aplicam desparasitantes, muitos deles o fazem "como lhes parece" sem ter em atenção nas concentrações utilizadas, as características dos produtos que empregam.

A explicação deste facto talvez tenha o mesmo fundo das razões que têm levado alguns caprincultores a sistematicamente recorrerem às "milagrosas terramicinas" e outros antibióticos, sempre que suspeitem ser por motivo de doença qualquer comportamento pontualmente mais estranho nas suas cabras.

Sem diagnóstico e com inteiro desconhecimento dos efeitos de uma desregrada aplicação de antibióticos, alguns dos que vieram uma vez o veterinário aplicar por exemplo 5 cc. de terramicina, passam por sua iniciativa, a na próxima ocasião aplicar 10 ou 15 cc. do mesmo medicamento.

Inserese este problema num contexto de falta de serviços de apoio médico-veterinário nas zonas interiores do País, bem como nas dificuldades que muitos pequenos e médios caprincultores têm em suportar os custos da prestação de serviços veterinários.

Talvez por motivos desta ordem, grande parte dos efectivos inquiridos estejam, no que se refere à higio-sanidade, longe de poderem ser considerados em situação satisfatória - o que inevitavelmente se reflecte no rendimento das explorações.

Os antecedentes desta situação podem ter causas mais profundas que virão muito detrás.

PRODUÇÃO DE LEITE

MODALIDADES DE ORDENHA NAS EXPLORAÇÕES INQUIRIDAS (%)

	ORDENHA MANUAL			ORDENHA MECÂNICA		
	EXPLORAÇÕES %	1x/dia	2x/dia	EXPLORAÇÕES %	1x/dia	2x/dia
ENTRE DOURO E MINHO	92	60	40	8	-	100
TRÁS OS MONTES	100	50	50	-	-	-
BEIRA LITORAL	99	29	71	1	-	100
BEIRA INTERIOR	99	5	95	1	-	100
RIBATEJO E OESTE	92	17	83	8	-	100
ALENTEJO	95	-	100	5	-	100
ALGARVE	98	2	98	2	-	100

É a ordenha manual que largamente predomina nestas regiões.

Os resultados referentes a uma só ordenha correspondem às explorações com menor efectivo, em que o pastor-proprietário passa o dia ocupado noutras actividades.

É também frequente que já no final da lactação, e quando o nível produtivo já não o justifica, passar-se de duas a uma ordenha diária.

ÉPOCAS DE INÍCIO E TERMO DAS ORDENHAS NAS EXPLORAÇÕES INQUIRIDAS (3)

	INÍCIO											
	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D
ENTRE DOURO E MINHO	12	-	6	19	44	19	-	-	-	-	-	-
TRÁS OS MONTES	22	9	32	24	7	3	-	-	-	-	1	2
BEIRA LITORAL	39	10	14	21	-	-	-	-	-	2	6	8
BEIRA INTERIOR	10	4	10	5	-	-	-	-	8	15	24	24
RIBATEJO E OESTE	25	2	6	4	-	-	-	-	-	-	16	47
ALENTEJO	12	7	38	15	-	-	-	-	-	-	5	23
ALGARVE	14	7	17	24	3	3	-	-	-	-	-	32

	TERMO											
	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D
ENTRE DOURO E MINHO	-	-	-	-	-	-	19	50	19	6	-	6
TRÁS OS MONTES	-	-	-	-	-	5	21	42	15	1	1	15
BEIRA LITORAL	-	-	-	-	2	8	11	40	21	8	-	10
BEIRA INTERIOR	-	-	-	-	8	28	36	17	3	5	2	1
RIBATEJO E OESTE	-	-	-	-	-	12	30	34	21	3	-	-
ALENTEJO	-	-	-	-	-	15	58	27	-	-	-	-
ALGARVE	-	1	-	-	-	4	17	68	9	1	-	-

DURAÇÃO MÉDIA DAS LACTAÇÕES NAS EXPLORAÇÕES INQUIRIDAS (3)

DIAS				
	122-152	183-213	243-274	304-335
ENTRE DOURO E MINHO	69	19	6	6
TRÁS OS MONTES	46	32	5	17
BEIRA LITORAL	16	37	40	7
BEIRA INTERIOR	5	21	55	19
RIBATEJO E OESTE	4	16	66	14
ALENTEJO	46	27	27	-
ALGARVE	28	28	41	3

Por falta de registos dos criadores em geral, é costume apontarem-se as seguintes produções (NABAIS, 1980; CALHEIROS, 1981):

PRODUÇÃO LEITEIRA DAS RAÇAS PORTUGUESAS

	PRODUÇÃO	DIAS DE LACTAÇÃO
SERRANA	300-400	210-270
SERPENTINA	100-110	180-200
CHARNEQUEIRA	100-150	200-300
ALGARVIA	300-450	180-250

Caso pontual, mas de louvar, é a existência de contraste leiteiro na área de Torres Novas onde tivemos oportunidade de inquirir sete das dez explorações contrastadas e de observar o que se passa com a cabra SERRANA.

ALGUNS RESULTADOS DO CONTRASTE LEITEIRO
EXECUTADO EM SETE EXPLORAÇÕES DE CABRAS SERRANAS
NA ÁREA DA D.R.A.R.O. (1981)

EXPLORAÇÕES	A	B	C	D	E	F	G
Nº CABRAS CONTRASTADAS	61	46	46	56	82	29	-
PRODUÇÃO MÉDIA POR CABRA DO REBANHO	367	525	268	407	380	254	415
PRODUÇÃO MÉDIA POR CABRA	1.3	2.2	1.0	1.6	1.4	1.0	-
MÉDIA MAIS ELEVADA DO REBANHO	1.9	3.2	2.3	2.4	2.1	1.8	2.3
MÉDIA MAIS BAIXA DO REBANHO	0.7	1.1	0.5	1.1	1.1	0.5	1.0
MÁXIMO DE DIAS DE LACTAÇÃO	299	259	268	265	271	270	239
MÍNIMO DE DIAS DE LACTAÇÃO	264	180	191	208	206	169	224

Há ainda a salientar que neste contraste leiteiro foram detectados caprinos que atingiram em:

255 dias de lactação - 788 litros de leite

256 dias de lactação - 833 litros de leite

263 dias de lactação - 847 litros de leite

facto que poderá servir para reflectir sobre a possível selecção da cabra SERRANA, embora estes níveis representem, neste caso, as suas variantes superiores e isto sem que lhe tenha sido proporcionado o nível nutricional próprio a uma fêmea especializada em produção leiteira.

No que respeita à SERPENTINA apurámos uma produção de 120 litros em 218 dias de lactação, em que a média máxima da produção diária atingida, variará entre os 0,5 litros e 1,5 litros por animal.

Quanto à CHARNEQUEIRA verifica-se uma produção de 170 litros em 253 dias, com uma média máxima da produção diária a variar entre 0,6 e 1,5 litros por animal.

A mesma situação se passa no que se refere à ALGARVIA uma vez que verificámos uma produção de 390 litros durante 240 dias, mas encontrando-se cabras que atingem 663 litros em 205 dias.

PRODUÇÃO DE QUEIJO

DESTINO DO LEITE DE CABRA NAS EXPLORAÇÕES INQUIRIDAS (%)

	TRANSFORMARAM O LEITE EM QUEIJO	VENDERAM O LEITE	TRANSFORMARAM O VENDERAM O LEITE	AUTOCONSUMIRAM O LEITE OU QUEIJO
ENTRE DOURO E MINHO	10	15	5	70
TRÁS OS MONTES	44	38	14	4
BEIRA LITORAL	39	13	9	39
BEIRA INTERIOR	52	37	5	6
RIBATEJO E OESTE	59	37	4	-
ALENTEJO	20	79	1	-
ALGARVE	42	27	25	6

COMPRADORES DE LEITE DE CABRA DAS EXPLORAÇÕES INQUIRIDAS (%)

	INDUSTRIAIS	QUEIJEIROS ARTESANAIS	PÚBLICO
ENTRE DOURO E MINHO	33	67	-
TRÁS OS MONTES	39	49	12
BEIRA LITORAL	86	14	-
BEIRA INTERIOR	63	28	9
RIBATEJO E OESTE	54	46	-
ALENTEJO	-	100	-
ALGARVE	67	33	-

Os queijeiros artesanais, que podem ser apenas queijeiros ou simultaneamente produtores/transformadores, difundem-se por bastantes aldeias e vilas das regiões da Beira Interior, Ribatejo e Oeste e Alentejo.

TIPOS DE QUEIJO DE CABRA FABRICADOS
NAS EXPLORAÇÕES INQUIRIDAS (%)

	TIPO DE QUEIJO FABRICADO	Nº DE EXPLORAÇÕES QUE TRANSFORMAM O TIPO*	RENDIMENTO DE UM LITRO DE LEITE	QUEIJO FRESCO g	QUEIJO CURADO g
ENTRE DOURO E MINHO	PEQUENO	3	± 3-4	50-80	-
TRÁS OS MONTES	MÉDIO	100	0.25	600-700	-
	GRANDE	32	0.20-0.25	800-1000	-
BEIRA LITORAL	PEQUENO	6	± 3-4	50-80	-
	MÉDIO	13	± 2	80-150	-
	GRANDE	17	< 1	150-250	-
	RABAÇAL	3	0.4	±500	-
BEIRA INTERIOR	CAST. BRANCO-"OVELHEIRA"	11	0.25-0.35	1000-1500	-
	- "CABREIRA"	24	0.15-0.25	1000-1500	-
	TIPO SERRA -"OVELHEIRA"	14	0.25-0.35	1000-1500	-
	- "CABREIRA"	13	0.15-0.25	1000-1500	-
	"QUEIJETA" - PEQUENO	15	-	-	-
	"NISA" - MÉDIO	10	-	-	-
RIBATEJO E OESTE	PEQUENO	42	± 3-4	50-70	-
	MÉDIO	20	± 2	80-100	-
	GRANDE	8	< 1	110-150	-
	"PUR CHEVRE"	4	180-200g	200-300	100-130
ALENTEJO	MÉDIO	6	2-2.5	-	50-70
ALGARVE	MÉDIO	41	± 2	80-100	60-80

* Existem explorações que fabricam mais de um tipo de queijo

COMERCIALIZAÇÃO DOS QUEIJOS DE CABRA DOS TIPOS TRADICIONAIS
NAS EXPLORAÇÕES INQUIRIDAS (%)

	NEGOCIANTE-INTERMEDIÁRIO %	PRODUTOR/RETAHISTA %
ENTRE DOURO E MINHO	68	32
TRÁS OS MONTES	61	39
BEIRA LITORAL	33	67
BEIRA INTERIOR	57	43
RIBATEJO E OESTE	75	25
ALENTEJO	80	20
ALGARVE	76	24

O produtor/retalhista, vende geral e directamente ao público à porta, em feiras e mercados ou directamente a lojas e restaurantes os queijos que ele próprio fabrica.

O negociante-intermediário, compra a produtores e vende através de circuitos grossistas que levam o produto aos vários pontos do País.

PRODUÇÃO DE CARNE

IDADE DE COMERCIALIZAÇÃO DOS CABRITOS
NAS EXPLORAÇÕES INQUIRIDAS (%)

MESES										
	1	1.5	2	2.5	3	4	5	6	+7	
ENTRE DOURO E MINHO	8	4	12	4	20	14	15	7	16	
TRÁS OS MONTES	20	4	38	8	22	2	3	1	2	
BEIRA LITORAL	13	33	33	1	4	3	2	3	8	
BEIRA INTERIOR	23	31	24	2	9	2	2	2	5	
RIBATEJO E OESTE	34	37	19	1	7	1	1	-	-	
ALENTEJO	8	3	15	-	9	21	29	15	-	
ALGARVE	6	10	25	7	16	12	1	15	8	

PESO DOS CABRITOS COMERCIALIZADOS
NAS EXPLORAÇÕES INQUIRIDAS (%)

Kg/PV					
	4-6	6-8	8-10	10-14	14-30
ENTRE DOURO E MINHO	34	30	12	12	12
TRÁS OS MONTES	48	38	9	3	2
BEIRA LITORAL	27	30	21	17	5
BEIRA INTERIOR	3	31	35	20	11
RIBATEJO E OESTE	12	45	31	9	3
ALENTEJO	-	6	4	21	69
ALGARVE	-	14	39	14	33

A comercialização dos cabritos da raça SERRANA faz-se o mais jovens possível, geralmente com 30-45 dias de 7-10 Kg de peso vivo, com o objectivo de aproveitar o leite das cabras o mais cedo que o tamanho dos cabritos o permitir.

No caso das cabras que parem a dois ou mais cabritos de cada vez, verifica-se que um dos animais é comercializado por vezes mais cedo, com 4-7 Kg de peso, sendo então o outro cabrito levado até aos valores anteriormente apontados.

Em locais onde existe a CHARNEQUEIRA, a SERPENTINA e a ALGARVIA, os animais costumam ser comercializados sensivelmente com a mesma idade dos da raça SERRANA, sempre que esta comercialização ou a transformação do leite proporcionam ao produtor uma melhoria de rendimento.

Mas em certos casos onde as condições extensivas extremamente duras (Tipo IA) e a capacidade leiteira das cabras aí existentes se torna diminuta, isso obriga a que os cabritos sejam recriados durante mais de 90 dias afim de poderem atingir pesos que os tornem mais rentáveis na venda.

Em certas regiões e principalmente na Beira Litoral, os casamentos e o período de férias de verão - em que muitos emigrantes vêm de visita às suas aldeias e vilas - proporcionam grande consumo de cabritos e principalmente animais de refugo (cabras velhas, bodes capados, animais com pouco interesse ou que se inutilizaram).

A valorização do cabrito nos diferentes mercados está condicionada pelas seguintes circunstâncias:

- ser ou não feita na melhor época de comercialização que atinge os preços mais elevados no Natal, Carnaval e Páscoa;
- a comercialização de carne poder ser feita pelo próprio produtor (que faz ou não o abate dos animais) para obter através do peso-morto, preços mais compensadores;
- gosto do consumidor por carcaças de pouco peso, provenientes de animais jovens.

Na maior parte dos casos, a comercialização de caprinos para talho está entregue a negociantes-intermediários que a seu belo prazer e por apatia dos produtores controlam completamente os mercados.

PELES E CURTUMES

A comercialização das peles está organizada de maneira diferente consoante as zonas de produção.

De uma maneira geral, os industriais dirigem-se directamente aos matadouros e talhantes para comprar as peles quando a mercadoria lhes interessa.

Ou servem-se para o mesmo efeito de redes de agentes dispersos por vários pontos do País - os "ajuntadores" - cujo papel económico é de grande importância.

Em algumas localidades são os negociantes de cabritos quem se encarrega de juntar as peles destinadas à indústria.

Embora possa haver uma natural variação nos critérios de classificação - às vezes de classificador para classificador - ao longo dos inquéritos realizados apurámos o seguinte:

CLASSIFICAÇÃO DE PELES DE CAPRINO

	TIPO DE ANIMAL	ESTADO VERDE-SALGADO PESO UNITÁRIO g	ESTADO SECO-INSOSSO	
			PESO UNIT. g	"PÉ" (32,2 cm)
CALOIO	Feto ou nado-morto	450	180	±1
CABRITO	Adolescente	450-650	180-260	2
PASTÃO LIGEIRO	Adolescente (3.2 Kg/PV)	650-950	260-380	≤ 3.5-4
PASTÃO PESADO	Adolescente (4.5 Kg/PV)	950-1125	380-450	≤ 3.5-4
CABRIOLA LIGEIRA	Jovem (8 Kg/PV)	1125-1375	450-550	≤ 5
CABRIOLA PESADA	Jovem	> 1375	> 550	≤ 5
CABRA	Adulto	> 1500	> 600	+5

Uma pele com o mesmo peso de outra, pode ser classificada diferentemente. Consoante se apresenta "explorada" ou não, termo que corresponde a um conjunto de factores relacionados com os aspectos nutricionais, saúde do animal no momento do abate, etc., factos estes que se verificam frequentemente nas diferenças entre as peles de "cabriola pesada" e da "cabra".

É assim evidente, que o tamanho e o valor industrial que as peles de caprino têm, dependem em grande parte do "trato do animal", a bem dizer: das condições em que foi criado.

Portugal vem exportando há alguns anos peles de "CABRITO", "PASTÃO" e "CABRIOLA" de alta qualidade, utilizadas na confecção de artigos de luxo em países como a Itália, França, Alemanha Ocidental, Espanha e Hungria.

Todavia, o nível da qualidade das peles exportadas ainda poderia ser melhorado.

Parece que bastaria a standardização do tipo de esfolagem, fazendo-a sem cabeça, por corte perpendicular atrás das orelhas, sem mamas, encurtando as patas e eliminando a cauda, de forma a que a linha da espinha dorsal possa ficar ao meio, quando da dobragem.

A exportação portuguesa está praticamente concentrada em três firmas importadoras-exportadoras, uma das quais controla um pouco menos de 50% destas exportações.

A exportação é feita em "seco-insosso" (seca sem sal) havendo um projecto de "meia-curtição" com o objectivo de se poder vir a obter maior valorização e criação de novos mercados internacionais para o produto.

Devido às necessidades dos sectores industriais que abastece, a indústria portuguesa de curtumes tem importado peles de "CABRIOLA" e principalmente "CABRA".

A importação destas peles é feita em "verde", "secas-salgadas", ou "secas-insosso", ao quilo, sendo dada preferência aos países e às regiões que satisfizerem da melhor maneira possível as conveniências pontuais do mercado nacional, tendo em consideração a qualidade.

As peles de caprino de origem portuguesa representam cerca de 15% do total laborado pela indústria nacional de curtumes,

facto que por si demonstra haver neste campo uma necessidade a preencher pela caprinicultura portuguesa.

Por informações obtidas em organismo oficial competente, dos 112 industriais de curtumes da região do Ribatejo e Oeste que em 1981 manifestaram a sua laboração, 17 deles laboraram peles de caprino, tendo adquirido naquele ano:

368 620 peles de caprinos nacionais
contra uma importação no mesmo ano
de 1 111 910 peles de caprinos es-
trangeiros.

O déficite correspondente é de 743 290 peles no relativo aos industriais da referida região, número indicativo de que em termos de peles de caprino o País produziu apenas 25% das quantidades necessárias só àqueles 17 maiores industriais.

SOCIEDADE PORTUGUESA DE OVINOTECNIA

II JORNADAS DE CAPRINICULTURA

XXI Reunião



Castelo Branco

7, 8 e 9 de Abril

1988

FICHA TÉCNICA

Coordenação

Emília Daniel Leitão
Ana Leite Salvado

Composição

Jorge Januário

Edição

Direcção-Geral da Pecuária
Documentação e Informação 1990

PROGRAMA

Dia 7 de Abril

- 09.00 - Sessão de abertura na Escola Superior de Educação
- 10.00 - Conferência sobre Brucelose caprina, proferida pelo Prof. Doutor Martins Mendes da Escola Superior de Medicina Veterinária.
- 11.00 - Intervalo
- 11.15 - Conferência sobre "A importância e as perspectivas da produção dos derivados do leite de cabra", proferida pela Dra. Manuela Barbosa, investigadora do LNETI.
- 13.00 - Almoço oferecido pelo Instituto Politécnico
- 14.30 - Partida para a Escola Superior Agrária. Visita à Escola.
- 16.00 - Comunicações livres no auditório da ESA

Dia 8 de Abril

- 08.30 - Partida para o Couto da Várzea.
- 09.30 - Conferência sobre "Avaliação das raças caprinas nacionais" - Contributo dos Serviços Técnicos dos vários Departamentos Oficiais.
- 11.00 - Intervalo
- 11.30 - Comunicações livres
- 13.00 - Almoço oferecido pela Direcção Regional de Agricultura da Beira Interior.
- 14.30 - Visita à exploração do Couto da Várzea.
- 17.00 - Assembleia Geral da Sociedade de Ovinotecnia

Dia 9 de Abril

- 09.30 - Sessão de encerramento no auditório da Escola Superior de Educação
 - 10.00 - Leitura das conclusões.
 - 13.00 - Almoço oferecido pela Câmara Municipal de Castelo Branco
 - 15.00 - Visita à II Feira Nacional de Ovinos e Caprinos no armazém das lãs do IROMA.
-